ATRIBUTOS PARA QUALIDADE DO LUGAR EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS[1]

PIMENTEL, C. S., Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: carolinepimentelarq@gmail.com; AZEVEDO, G. A. N., Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: giselleartEiro15@gmail.com

ABSTRACT

This article is based on the relationships between people and the environment, specifically in entities that welcome people with disorders resulting from the use, abuse or dependence of psychoactive substances, also known as therapeutic community (TC). The objective of this work is to reflect on the importance of the environment built to promote the well-being of people, considering their needs and expectations, and to influence attributes that characterize the quality of the place in TC´s. The methodology consisted of a bibliographical and documentary review, and exploratory visits, with direct observations and field records. Visits confirmed that TC spaces are mostly not qualified for the activities developed as their users were not considered in the project. The results of the observations were related to the topics personal space, territoriality, and accessibility, offering directions for the conception of more human spaces, which could be appropriated.

Keywords: *Therapeutic community. Quality of the place. Person-environment relations.*

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho fundamenta-se nas observações dos espaços físicos de Comunidades Terapêuticas (CTs), isto é, entidades que acolhem pessoas com transtornos consequentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas (SPAs). Devem funcionar em regime residencial garantindo o cuidado com o bem-estar físico e psíquico da pessoa (BRASIL, 2011a). Atuam na dimensão do tratamento, recuperação e reinserção social, visando alcançar a abstinência (COSTA, 2009). As CTs são consideradas equipamento social e o principal instrumento terapêutico é a convivência entre os pares (BRASIL, 2011b).

Sabendo que a partir do momento que os ambientes são vivenciados e experienciados proporcionam sentimentos e constituem valores que irão afetar a qualidade de vida e bem-estar das pessoas, o objetivo deste artigo foi refletir sobre a importância do ambiente construído para promoção do bem-estar das pessoas, considerando suas necessidades e expectativas, e indicar atributos que caracterizam a qualidade do lugar em CTs.

A metodologia consistiu em revisão bibliográfica e documental, entretanto, considerando a carência de literatura sobre CTs, o trabalho fundamenta-se, principalmente, nos resultados de visitas exploratórias, e é parte de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento, com abordagem qualitativa, fundamentada nas linhas de Percepção Ambiental, Qualidade do Lugar e

[1] PIMENTEL, C. S., AZEVEDO, G. A. N. Atributos para qualidade do lugar em comunidades terapêuticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, 17., 2018, Foz do Iguaçu. **Anais**... Porto Alegre: ANTAC, 2018.

Avaliação Pós-Ocupação.

2 QUALIDADE DO LUGAR: RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE

A expressão 'qualidade do lugar' é comumente associada a estética ou beleza, entretanto, este termo está associado ao importante ou principal atributo ou conjunto de atributos de um ambiente que atraem as pessoas (RHEINGANTZ, ALCANTARA, DEL RIO, 2005). A qualidade do lugar está intrinsecamente associada aos laços afetivos entre as pessoas e o ambiente. Entretanto, um mesmo ambiente pode ser percebido de formas diferentes de acordo com a história cultural e a experiência individual ou grupal (TUAN, 2012).

Conhecer as imagens e valores simbólicos de determinado grupo de usuários é uma tarefa imprescindível para concepção de ambientes mais responsivos (AZEVEDO, 2002). Pois, ambientes que não atendem as necessidades de seus usuários, em termos ergonômicos, de conforto ambiental ou psicológicos, podem provocar condutas destrutivas como também desconforto psicológico, suscitando, por exemplo, dificuldade de concentração, incapacidade de socialização e tensão (RHEINGANTZ, ALCANTARA, DEL RIO, 2005).

Segundo TUAN (1983) espaço e lugar são elementos do meio ambiente que estão intimamente relacionados e indicam experiências comuns. Os espaços se configuram a partir das relações entre o ambiente e quem o percebe, marcado pelas significações subjetivas dos ocupantes, quando o espaço adquire definições, significados e se torna familiar dotado de valores, passa a ser compreendido como lugar (TUAN, 1983). Não existe um momento exato em que espaço transforma-se em lugar, é um processo continuo que depende da qualidade e intensidade das experiências (TUAN, 1983). Este processo de vínculo entre a pessoa e o espaço é compreendido como apropriação, e pode ser individual ou grupal, num contexto sociocultural (VIDAL, POL, 2005).

3 QUALIDADE DO LUGAR EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

A legislação atual que regulamenta o funcionamento das CTs é limitada quanto a orientações sobre o espaço físico. Exige infraestrutura compatível com o número de residentes, mas não indica este número (BRASIL, 2011a). A maioria das instituições são adaptadas em construções já existentes, podendo com isso, apresentar problemas de natureza física e/ou funcional (PIMENTEL, 2015). Atuam baseadas no serviço voluntário e na prática assistencialista não dando tanta importância ao espaço físico, seja por falta de recursos, ou por desconhecerem a importância da qualidade do lugar para o bem-estar dos usuários.

Visando compreender o contexto das CTs, sua infraestrutura, usos e rotina, realizaram-se visitas exploratórias a 10 CTs, sendo 2 instituições no Espirito Santo, 6 no Rio de Janeiro e 2 em São Paulo, entre os anos de 2015 e 2018, sendo algumas CTs visitadas continuadamente. O propósito foi obter um panorama

para que os dados coletados não refletissem a realidade de um único local. Os resultados das observações foram relacionados com os temas espaço pessoal, territorialidade, e acessibilidade. E assim foram divulgados rumos para a qualidade do lugar em CTs que prezam a concepção de espaços mais humanos, passíveis de apropriação.

3.1 Espaço pessoal

As pessoas gostam de estar na companhia de seus semelhantes, isso porque, são seres sociais, mas também, possuem necessidade de privacidade (TUAN, 1983). Sommer (1973) reflete sobre o espaço pessoal que é a zona emocionalmente carregada que circunda cada indivíduo, são os limites invisíveis ao redor do corpo, necessários para manter a privacidade. É um processo dinâmico que varia em função da personalidade, da cultura, do ambiente, da tarefa e das relações entre as pessoas. A invasão espacial pode ser física, visual e acústica, e "[...] é uma intrusão nas fronteiras do eu da pessoa." (SOMMER, 1973, p. 34)

Nas CTs as pessoas têm dificuldade em manter a privacidade, pois a convivência é o principal instrumento terapêutico. As pessoas estão na companhia de seus semelhantes a maior parte do tempo, desde o despertar, pois os quartos são compartilhados, e durante o dia, no desenvolvimento das atividades. Uma das formas de respeitar as distâncias pessoais é controlando o adensamento populacional. Embora a legislação não seja clara quanto ao limite de residentes, nem na divisão dos dormitórios, controlar esse adensamento, é uma forma de evitar o apinhamento - quando as pessoas, restringem a liberdade e privam o espaço uma das outras (SOMMER, 1973), e garantir que os residentes tenham espaço para se isolarem quando sentirem necessidade. O dormitório é o espaço particular do residente, e limitar o número de pessoas por quarto é uma forma de dar mais privacidade.

3.2 Territorialidade

A territorialidade trata-se de uma área fixa com limites visíveis e está relacionada com a necessidade das pessoas em ter domínio, demarcar seu território (SOMMER, 1973). Uma maneira para isso acontecer é através da personalização dos espaços, que também pode assumir uma condição de status, fator responsável por caracterizar o mais importante num grupo (SOMMER, 1973). A relação de domínio pode ser coletiva, quando um grupo deixa suas impressões no espaço, ou pode se manifestar na necessidade de demarcar o território individual com objetos pessoais (DUARTE et al, 2007). Sendo assim, a territorialidade está relacionada com o capacidade de fazer escolhas e ter o controle, e pode ser refletida na variedade e flexibilidade (SOMMER, 1973).

A variedade indica a diversidade de ambientes e objetos disponíveis que a pessoa pode escolher. Embora na CT hajam regras e rotinas, essenciais para o processo de ressocialização, oferecer diferentes mobiliários e opções de layout também é uma forma de permitir que o residente escolha onde ficar,

respeitando os níveis desejáveis, ou não, de interação social.

A flexibilidade relaciona-se com a diversidade de usos de um mesmo ambiente. É comum acontecer o compartilhamento de um mesmo espaço para atividade diferentes na CT, no entanto, percebeu-se a dificuldade em permitir que os residentes adaptem o ambiente a suas necessidades.

As pessoas rejeitam ambientes estranhos, e preferem espaços que possam alterar, e deixar suas impressões que possam considerar como seus, porém, dificilmente isso ocorre nas CTs, por ser um ambiente institucional. Também é comum o controle dos objetos pessoais. É importante observar como as relações de domínio se manifestam, se de forma coletiva ou individual, a fim de permitir que os residentes organizem e dominem o espaço, evitando contudo, relações de domínio abusivas entre eles.

3.3 Acessibilidade

A questão levantada por Sommer (1973) de que as pessoas passam grande parte da vida em espaços que não possuem e nem controlam reflete-se na necessidade de mecanismos que atendam além das necessidades cognitivas, necessidades físicas, de ergonomia e conforto para que os usuários possam realizar suas atividades de maneira cômoda e eficiente. Essas, são propostas que compõem o processo de humanização. Além de garantir o bem-estar psicológico, a humanização deve garantir a funcionalidade, conforto, segurança e acessibilidade (TOLEDO, 2007).

Segundo Pedroso e Santana (2015) espaços acessíveis resultam em espaços passíveis de apropriação. A RDC nº 29 exige que as CTs promovam a acessibilidade às pessoas com deficiência, conforme legislações específicas (BRASIL, 2011a). Entretanto, devido à falta de recursos financeiros, de conscientização e fiscalização, a maioria das instituições mal conseguem atender aos padrões de ergonomia, quiçá de acessibilidade.

Entender que as pessoas ao vivenciar o espaço o modificam e são modificadas por ele é fundamental para concepção de uma arquitetura que leve em conta suas necessidades e expectativas. Conforme Machado (2012, p.38) é "[...] fundamental o conhecimento a respeito dos usuários de determinada edificação, suas necessidades, seus anseios e particularidades a fim de garantir a satisfação deles em relação ao lugar." A sensibilidade para ouvir os usuários, e a partir disso intervir no espaço, influenciará na qualidade do lugar, que consequentemente irá afetar a qualidade dos serviços (MACHADO, 2012).

4 CONCLUSÕES

"[...] arquitetura significa formas criadas em torno do homem, criadas para nelas se viver, não meramente para serem vistas de fora" (RASMUSSEN, 1986, p.2). A arquitetura existe para pessoas, e a qualidade do lugar tão almejada, responsável por atrair as pessoas, está vinculada à satisfação dos usuários, ou seja, na atenção às suas necessidades e desejos, e em como o ambiente

contribui para seu conforto físico e psicológico.

É imprescindível que o ambiente seja constituído de estratégias, pelas quais, seus usuários se sintam à vontade e desenvolvam suas atividades confortavelmente e na medida em que se identificam e se apropriam do espaço, constituam-no lugar. O residente passará a maior parte do tempo, isso durante meses, vivendo nas instalações da CT, conceder espaço para se isolarem, criar condições para que possam marcar seu território e oferecer acessibilidade plena a todos, são algumas considerações respaldadas pela pesquisa empírica ora em andamento. Este tema não se esgota nas reflexões apresentadas, contudo, espera-se refletir sobre a importância da arquitetura mais humana, e gerar uma conscientização que promova mudanças nas CTs.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as Comunidades Terapêuticas que têm permitido acesso para o desenvolvimento da pesquisa, em especial à Comunidade Esperança Nova Aurora (CENA). Agradecemos também a Organização Toca do Estudante pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Arquitetura Escolar e Educação**: um modelo conceitual de abordagem interacionista. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária**. Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 29, de 30 de junho de 2011.** Dispõe sobre os requisitos de segurança sanitária para o funcionamento de instituições que prestem serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 de ago. 2011a.

_____. **Nota Técnica Nº 1/2011, de 15 de julho de 2011**. Esclarecimentos e orientações sobre o funcionamento de instituições que prestem serviços de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso, abuso ou dependência de substâncias psicoativas - RDC n° 29, de 30 de junho de 2011b. ANVISA - Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/documents/33852/271858/Nota+t%C3%A9cnica+n%C2%BA+01+de+2011/fe65a47c-ae23-4cd6-a9be-bef63d0d30f9. Acesso em: 18 abr. 2017.

COSTA, Selma Frossard. As Políticas Públicas e as Comunidades Terapêuticas nos Atendimentos à Dependência Química. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 11, n. 2, p.1-14, jan./jun. 2009. Semestral. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/pdf/2009/29%20AS%20POL%CDCAS%20P%DABLICAS%20E%20AS%20COMUNIDADE%20TERAP%CAUTICAS-COM%20REVIS%C3O%20DO%20AUTOR.pdf. Acesso em: 18 jan. 2017.

DUARTE, Cristiane Rose; BRASILEIRO, Alice; SANTANA, Ethel Pinheiro; PAULA, Katia Cristina L. De; VIEIRA, Mariana Dias; UGLIONE, Paula. O projeto como metáfora: explorando ferramentas de análise do espaço construído. In: DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; Bronstein, Lais. **O lugar do projeto** no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Contra Capa / PROARQ. Rio de Janeiro, 2007. p. 504-519.

MACHADO, Ernani Simplício. **Relações entre ambientes externos e internos em centros de reabilitação motora**: um estudo na Associação de Assistência à Criança Deficiente de Nova Iguaçu-RJ. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós Graduação em Arquitetura, UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

PEDROSO, Emmanuel Sá Resende; SANTANA, Ethel Pinheiro. Apropriação e acessibilidade em uma instituição de longa permanência para idosos. p. 80-90. In: **Anais do 15º Ergodesign & Usihc.** Blucher Design Proceedings. v. 2, n. 1. São Paulo: Blucher. jun. 2015. Disponível em: http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/designproceedings/15ergodesign/13-E103.pdf. Acesso em: 24 abr. 2017.

PIMENTEL, Caroline Silva. **Anteprojeto arquitetônico de uma comunidade terapêutica para dependentes químicos no município de Apiacá – ES**: a influência da arquitetura sobre o bem-estar físico e psicológico dos indivíduos. 2015. 132 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense. Campus Campos Centro, Campos dos Goytacazes, 2015.

RASMUSSEN, Steen Eiler. **Arquitetura vivenciada**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; ALCANTARA, Denise de; DEL RIO, Vicente. A Influência do Projeto na Qualidade do Lugar: Percepção da Qualidade em Áreas Residenciais do Rio de Janeiro, Brasil. **Sociedade e território.** Porto, v. 996, p. 100-118, 2005.

SOMMER, R. **Espaço pessoal**. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária, 1973.

TOLEDO, Luiz Carlos de Menezes. Humanização do edifício hospitalar, tema em aberto. In: DUARTE, Cristiane Rose; RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Giselle; Bronstein, Lais. **O lugar do projeto** no ensino e na pesquisa em arquitetura e urbanismo. Contra Capa / PROARQ. Rio de Janeiro, 2007. p. 436-453.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIDAL, Tomeu; POL, Enric. La apropiación del espacio: una propuesta teórica para comprender la vinculación entre las personas y los lugares. In: **Anuario de psicologia**. Barcelona: Universitat de Barcelona, v. 36, n. 3, p. 281-298, 2005. Disponível em: http://www.raco.cat/index.php/AnuarioPsicologia/article/view/61819/81003. Acesso em: 13 abr. 2017.